

“Nada justifica o baixo índice de avaliação do DF”

Perfil José Luiz Valente, 48 anos, nasceu em Pelotas (RS). Formado em Engenharia Mecânica pela Fundação Universidade Federal do Rio Grande (FURG), foi pró-reitor de planejamento da FURG, de 1993 a 1996. Chegou em Brasília em 1996, para assumir a direção do departamento de Desenvolvimento do Ensino Superior do MEC. Entre 1997 e 2004, foi responsável pelo gerenciamento de projetos executados pela Secretaria de Educação Superior do MEC. Também gerenciou o programa Desenvolvimento do Ensino de Graduação, implementado no Plano Plurianual (2000-2003) e presidiu a Comissão Nacional de Supervisão e Acompanhamento do Programa de Crédito Educativo.

Marcella Oliveira

Depois de um mês como secretário interino de Educação, o gaúcho José Luiz Valente assumiu oficialmente a pasta na sexta-feira. O governador José Roberto Arruda (DEM) disse que ele é o melhor técnico para dar continuidade ao trabalho iniciado por Maria Helena Guimarães, que assumiu a mesma pasta no governo de São Paulo. Em entrevista exclusiva ao *Jornal do Brasil*, Valente afirmou que o desafio será grande e que encontrou o ensino público do DF pior do que imaginava. Nada justifica, por exemplo, os baixos índices obtidos pelos estudantes da rede pública do DF nas avaliações do MEC. Uma das prin-

cipais preocupações é acabar com o excesso de licenças médicas dos professores. As possíveis irregularidades estão sendo investigadas pela Corregedoria-Geral do DF. Para o secretário, a melhor maneira de reduzir esses afastamentos é dar melhores condições de trabalho aos professores. Para isso, quer substituir todas as escolas de madeirite e latão, melhorar a infra-estrutura e aplicar melhor os R\$ 6,2 mil destinados aos alunos da rede pública de ensino do DF, maior média do Brasil, seguida por São Paulo, que gasta três vezes menos, R\$ 2 mil por estudante. Com todas essas medidas, o objetivo final é melhorar o desempenho do Distrito Federal nas avaliações feitas pelo Ministério da Educação.

Como pretende levar o trabalho à frente da Secretaria de Educação?

— Da mesma forma que vinha sendo desenvolvido, com empenho, dedicação e lealdade ao governador Arruda e às pessoas que trabalham comigo. Minha administração é uma sequência da administração da Maria Helena. Fizemos um trabalho legal no Ministério da Educação e foi um enorme prazer trabalhar com ela nesses primeiros seis meses no GDF. O cargo em si não é importante, o trabalho é o mesmo interino ou permanente, mas essa nomeação significa confiança. Será um desafio dos grandes.

Como será a equipe? O secretário-adjunto poderá ser indicado pelo senador Cristovam Buarque (PDT). Como vê essa indicação?

— A equipe será exatamente a mesma formada por Maria Helena. As eventuais mudanças serão naturais do dia-a-dia. A escolha do adjunto é do governador e pelo senador Cristovam tenho uma enorme consideração, trabalhei com ele em 2003 no MEC. Toda ajuda que ele puder oferecer será bem-vinda.

Qual a sua avaliação do ensino público no DF?

— Imaginava que encontraria uma situação mais tranquila, que começaria o trabalho de outro patamar, mas não foi assim. No DF, há uma situação muito ruim. Trabalhar para mudar isso é um desafio, mas temos elementos suficientes para fazer essa virada. Os nossos professores são os melhores qualificados do país e o resto é uma questão de como gerir o sistema e estabelecer as prioridades. Já vejo mudanças nesses primeiros meses, mas ainda há desigualdades que precisam ser mudadas. Por exemplo, há turmas com 56 alunos, em Ceilândia, e outras com 20, na Asa Norte. Precisamos buscar oportunidades nas cidades satélites tão boas quanto no Plano Piloto.

Existe o excesso de licenças médicas? O que fazer para acabar com isso?

— Concordo que há um excesso e isso é muito preocupante, todos acham que há um adoecimento brutal por parte dos professores. Para acabar com isso, temos duas questões. A primeira é de cunho da Corregedoria-Geral do DF, que analisa se há um problema, uma liberação inadequada e irregularidades. Mas há um segundo aspecto que é de responsabilidade da Secretaria, de buscar as causas desse adoecimento dos professores. Na minha opinião, o principal motivo é a falta de estrutura e esse é o nosso foco. Visamos diminuir o número de alunos em sala de aula, melhorar a infra-estrutura e oferecer os materiais didáticos necessários. E também temos um projeto para aproximar o professor de sua residência, o que dará mais qualidade de vida ao trabalhador.

“ Os nossos professores são os melhores qualificados do país e o resto é uma questão de como gerir o sistema e estabelecer as prioridades.

“ Não se pode reclamar de falta de recurso – ele existe. Precisamos implantar um novo sistema de gestão para devolver ao DF a ponta dos indicadores no Brasil.

O senador Cristovam sugeriu ao governador que fosse implantado em uma cidade do DF o projeto Escola Integral. Qual sua avaliação sobre essa experiência?

— Acho que a gente tem que ousar bastante. A equipe da Secretaria de Educação já trabalha para apresentar uma proposta econômica e os resultados esperados com esse projeto. Acho que os alunos serão melhor qualificados, poderá haver menores índices de desemprego pois os pais estarão mais tranquilos com os filhos na escola e se cria uma nova perspectiva de aprendizado ao aluno. Haverá maior motivação dos jovens em estudar.

O que justifica os baixos índices do DF nas avaliações do Ministério da Educação?

— Nada justifica, é uma coisa inaceitável. Não se pode reclamar de falta de recurso, pois ele existe. A nossa relação custo-aluno é a maior do país. O que precisamos é implantar um novo sistema de gestão para devolver ao DF a ponta dos indicadores no Brasil. Para isso, precisamos dar condições de trabalho ao professor, material didático e infra-estrutura, o resto a gente dá conta. Na avaliação de 2007 ainda não teremos os resultados esperados, pois temos vários projetos em fase de mudança. Com uma nova atuação, que estamos trabalhando, queremos um resultado melhor em 2008.



ROBERTO RODRIGUES/GDF

Amanhã, será lançado o projeto Parceiro da Escola? Como ele vai ajudar o GDF?

— É uma das mais significativas ações do GDF nesse momento. A grande vantagem desse projeto não é só os pequenos reparos emergenciais que os empresários-padrinhos farão, mas sim os exemplos que eles darão. Trazer para dentro da escola o exemplo de alguém que venceu na vida é muito importante, pois ele vai mostrar que se as crianças estudarem farão a diferença.

E a violência nas escolas? O que fazer para combatê-la?

— Trabalhamos nessa questão em duas frentes. A primeira é a corretiva, feita pela Secretaria de Segurança Pública, por meio da fiscalização no perímetro escolar que tem obtido bons resultados. A outra é educativa, de nossa responsabilidade. Vamos incluir os conceitos da paz durante as disciplinas. E também vamos melhorar o sistema de vigilância, já existe um processo de licitação para instalar monitoramento com câmeras nas escolas e ainda a contratação terceirizada para aprimorar a segurança nas escolas.

O vandalismo nas escolas faz com que se gaste muito com reparos? O que será feito?

— A Secretaria investe R\$ 13 milhões por ano na contratação de empresas que fazem a manutenção das escolas, esse dinheiro dará para construir quatro ou cinco boas escolas. Dói perceber a

gente deixa de investir na necessidade para reinvestir no que já foi feito. Acredito que as câmeras vão inibir o vandalismo e iniciaremos uma grande campanha de conscientização para que a comunidade perceba que a escola é dela e que é preciso preservar.

As escolas de madeirite e de lata são consideradas pelo governador Arruda uma vergonha para a educação no DF. Até quando as crianças precisarão estudar nessas condições?

— Esperamos que até o fim de 2008 elas não existam mais. Já iniciamos algumas obras, mas ainda temos dez escolas nessa situação. Quando vim para a secretaria, pedi que me apontassem uma escola em condições precárias e fui conhecer a de madeirite da Estrutural. Foi um choque, não é justo com ninguém estudar dessa maneira. Precisamos acabar com isso.

Os professores ameaçaram paralisar várias vezes desde o início do ano letivo. Como lidar com as reivindicações?

— Espero, na minha gestão, não enfrentar nenhuma greve. Faremos o possível para que isso não aconteça, para que o diálogo seja a melhor maneira de resolver as reivindicações. O relacionamento do governo com os professores tem sido de muita transparência e tranquila. Nossa relação é de muito respeito e de busca de entendimento. Há divergências, mas a gente joga limpo.